

Previsões Agrícolas

31 de outubro 2017

Culturas de regadio apresentam bons níveis de produtividade

As previsões agrícolas, em 31 de outubro, apontam para aumentos de produção nas fruteiras, amendois, vinha e olival. Nos pomares de pomóideas, o tempo quente e seco não comprometeu a campanha: a produção de maçã deverá atingir as 300 mil toneladas, enquanto a de pera rondará as 165 mil toneladas (+25% e +20%, face a 2016, respetivamente). No kiwi, a floração e o vingamento dos frutos decorreram favoravelmente, e a entrada em plena produção de novos pomares foi decisiva para a produção *record* de 31 mil toneladas. A produção de amêndoa também deverá atingir níveis que já não eram alcançados há muitos anos (+282%, quando comparada com a média dos últimos cinco anos). As vindimas decorreram sem incidentes, observando-se um aumento da produção de vinho (+10%, face a 2016) que, a julgar pelo estado das uvas vinificadas, deverá ser de qualidade superior. Quanto aos olivais, e apesar da seca, a produção deverá ser próxima da normal, com os olivais intensivos a compensarem a menor produtividade dos tradicionais. Em contraciclo encontram-se os soutos, claramente afetados pela falta de precipitação, prevendo-se uma redução de 15% face à campanha anterior, com castanhas de menor calibre.

Nas culturas temporárias de primavera/verão destaca-se o tomate para a indústria, que aumentou a produção para os 1,68 milhões de toneladas, apesar do registo de problemas fitossanitários que dificultaram a maturação. No arroz, a falta de água disponível na bacia hidrográfica do Sado conduziu a uma diminuição da área semeada, com implicações na produção alcançada (10% inferior à média 2012-2016).

O mês de outubro caracterizou-se, em termos meteorológicos, como extremamente seco e excepcionalmente quente. Tal como em setembro, este outubro foi o mais quente dos últimos 87 anos, com a temperatura média do ar cerca de 3°C acima do valor normal. Registaram-se duas ondas de calor, a primeira entre 1 e 16 de outubro (que abrangeu a maior parte do Continente e foi das mais longas para o mês de outubro) e a segunda entre 23 e 30 de outubro. Quanto à precipitação, que apenas ocorreu no início da segunda quinzena, correspondeu a 30% do valor normal para este mês, tendo sido o outubro mais seco das últimas duas décadas. O índice meteorológico de seca PDSI¹ revelava que, no final de outubro, todo o território de Portugal continental se encontrava em situação de seca, aproximadamente 25% em seca severa e 75% em seca extrema (classe de seca mais grave).

¹ O índice PDSI (*Palmer Drought Severity Index*) baseia-se no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo e permite detetar a ocorrência de períodos de seca, classificando-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema). Informação constante em IPMA - Monitorização da Seca - Índice PDSI - Situação Atual, in <http://www.ipma.pt/pt/oclima/observatorio.secas/pdsi/monitorizacao/situacaoatual/>, consultado em 14 de novembro de 2017.

Este cenário de seca teve impactos substanciais, quer sobre as culturas instaladas, quer sobre a programação da ocupação cultural do ano agrícola que agora se inicia. De facto, nos pomares de sequeiro os sinais de *stress* hídrico tornaram-se bastante evidentes, enquanto nos pomares de regadio nem sempre foi possível satisfazer as necessidades hídricas, em particular nos regadios privados. Verifica-se também, nestas culturas arbóreas e arbustivas, um atraso no início do período de repouso vegetativo, havendo casos em que as plantas estão a emitir novos lançamentos e até floração. Por outro lado, a falta de humidade dos solos impossibilitou a realização das operações culturais de preparação das sementeiras das culturas de outono/inverno, registando-se um atraso considerável na instalação das culturas forrageiras e dos prados semeados. São ainda frequentes as situações de secagem completa de charcas e de acentuada diminuição do nível dos lençóis freáticos, com evidentes implicações no abeberamento dos efetivos.

CLIMATOLOGIA EM OUTUBRO 2017

Observação	Temperatura média do ar (°C)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1ª década	2ª década	3ª década	Mensal acumulada	1ª década	2ª década	3ª década
A norte do Tejo								
Valor verificado	17,6	19,8	17,3	15,8	33,8	0,0	32,6	1,2
Desvio da normal	2,3	3,1	2,3	1,6	-68,5	-23,7	-13,2	-31,6
A sul do Tejo								
Valor verificado	20,9	23,1	20,8	18,8	18,0	0,0	17,8	0,2
Desvio da normal	3,3	4,1	3,5	2,3	-47,7	-14,1	-13,0	-20,6

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

No final de outubro, o teor de água no solo, em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, registava valores inferiores a 20% em grande parte do interior e no Sul, sendo mesmo iguais ou inferiores ao ponto de emurchecimento² em alguns locais. No litoral norte e centro os valores variavam entre 20% e 40% e no noroeste entre 40% e 60%.

Precipitação escassa compromete as disponibilidades forrageiras e adia as sementeiras

A falta de chuva continua a atrasar o início de ciclo das pastagens de sequeiro, que apresentam reduzida disponibilidade forrageira, registando-se um aumento significativo da suplementação dos efetivos pecuários. Com efeito, e numa forma generalizada, a alimentação dos efetivos está a ser realizada com recurso a alimentos conservados que, em condições normais, estariam armazenados para fazer face à paragem de crescimento característica das pastagens mediterrânicas durante o inverno. Este facto, aliado à dificuldade de instalação das culturas forrageiras (que naturalmente implicará um atraso na disponibilização de matéria verde), conduzirá a um prolongamento do período de suplementação, com um acréscimo significativo dos custos para as explorações pecuárias. De notar ainda que nas zonas afetadas pelos incêndios de 15 de outubro (onde morreram mais de 6 mil ovinos e caprinos, mais de mil bovinos e mais de 1,5 mil suínos³), a situação é ainda mais grave, dado que uma quantidade significativa de palhas e fenos armazenados foi destruída.

² Teor a partir do qual as plantas não são capazes de retirar mais água do solo.

³ Fonte: DGAV - Direção-Geral de Alimentação e Veterinária.

Apesar da seca, produtividade dos olivais aumenta para valores próximos do normal

No olival para azeite perspectiva-se uma campanha com produtividades globais próximas da média do último quinquénio (+1%). No entanto, os cenários apresentam-se distintos, em função da condição de regadio dos olivais. Nos olivais regados (e sempre que as disponibilidades garantiram as necessidades hídricas da cultura), foi possível conduzir à maturação grande parte da carga das árvores (elevada, fruto das boas condições meteorológicas na fase de floração e vingamento). Pelo contrário, nos olivais de sequeiro, ainda representam cerca de 3/4 da área total desta cultura, a escassa precipitação de setembro e outubro, aliada às elevadas temperaturas, conduziu a situações de perda de produtividade (queda precoce ou engelhamento dos frutos nos ramos) e afetou negativamente o conteúdo oleico das azeitonas.

Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	kg/ha						2017 *	2017 *
	2012	2013	2014	2015	2016	2017 *	(Média 2012/16=100)	(2016*=100)
OLIVAL								
Azeitona de mesa	1 371	1 995	1 979	2 360	1 905	1 900	99	100
Azeitona para azeite	1 234	1 849	1 275	2 050	1 371	1 575	101	115

* Dados previsionais

Produção de milho aumenta 5%

A colheita do milho de regadio encontra-se praticamente concluída. De uma forma geral, os dias quentes e secos favoreceram o desenvolvimento da cultura e, excetuando algumas situações de menor disponibilidade, foi possível garantir as necessidades hídricas das plantas, prevendo-se um aumento de produção de 5%, face a 2016. De referir que algumas searas foram colhidas com níveis de humidade muito inferiores ao normal, havendo inclusivamente situações em que milho não necessitou de secador, o que, embora reduzindo os custos, se traduziu numa diminuição da qualidade da colheita, com um elevado número de grãos partidos à saída da ceifeira.

Continente

Culturas	Produção						Índices	
	1 000 t						2017 *	2017 *
	2012	2013	2014	2015	2016	2017 *	(Média 2012/16=100)	(2016=100)
CEREAIS								
Milho de regadio	830	909	875	809	693	727	88	105
Milho de sequeiro	18	20	22	18	17	15	82	90
Arroz	187	180	167	185	169	161	90	95
CULTURAS INDUSTRIAIS								
Tomate para a indústria	1 299	1 090	1 310	1 832	1 598	1 678	118	105
Girassol	10	12	16	25	26	18	104	70
FRUTOS								
Maçã	219	285	272	323	240	300	112	125
Pera	116	202	210	141	137	165	102	120
Kiwi	20	21	18	28	21	31	144	150
Amêndoa	7	4	9	10	9	22	282	255
Castanha	19	24	18	27	27	23	98	85
VINHA								
Vinho (1 000 hl)	6 129	6 040	5 985	6 817	5 804	6 385	104	110

* Dados previsionais

Quanto ao arroz, a superfície diminuiu 5% face a 2016, devido à baixa disponibilidade hídrica observada nas albufeiras da bacia hidrográfica do Sado, onde se situa a maior parte do arroz do Alentejo, o que conduziu à alteração dos planos de ocupação cultural de muitos campos orizícolas. A germinação foi boa e os povoamentos, em geral, homogéneos. No entanto, a campanha do arroz decorreu de forma distinta nas principais regiões produtoras. Na Lezíria, Grande Lisboa e Baixo Sorraia registaram-se produtividades superiores às da campanha anterior, mas com um menor número de grãos inteiros (devido à baixa humidade do grão); no Vale do Sado, a anteriormente referida diminuição na área semeada determinou uma redução na produção alcançada; no Baixo Mondego, a ação conjunta de fatores adversos (focos de periculária não controlados, elevadas temperaturas na fase de enchimento do grão e forte presença de infestantes) resultou numa elevada percentagem de grãos falidos por panícula. Globalmente, a produção rondou as 161 mil toneladas, a mais baixa do último quinquénio.

Produção de tomate para a indústria ronda 1,7 milhões de toneladas

A colheita do tomate para a indústria terminou na primeira semana de outubro, estimando-se que a produção alcance os 1,68 milhões de toneladas, o que corresponde a um acréscimo de 5%, face a 2016. No entanto, a fase final da campanha foi influenciada pela ocorrência de fortes ataques de mosca branca e de ácaros, que prejudicaram o desenvolvimento da planta e afetaram a maturação do fruto. Algumas searas completaram o seu ciclo com os frutos a apresentarem polpa de coloração alaranjada/branca e textura muito rija. Ainda assim, nos casos em que os valores de brix⁴ eram aceitáveis, o tomate foi rececionado pela indústria. Houve registo de produtores que não alcançaram produtividades de 60 toneladas por hectare, valor mínimo previsto na legislação para o pagamento específico por superfície ao tomate para transformação.

⁴ Escala que quantifica a concentração do fruto em resíduo seco solúvel e determina o seu grau de maturação.

Para o girassol, e ao contrário do que se observou nas duas últimas campanhas, prevê-se uma produção abaixo das 20 mil toneladas, essencialmente devido à significativa diminuição da área semeada (resultado da opção de não realização da cultura face às disponibilidades hídricas).

Bom ano de produção para as pomóideas (pera e maçã)

A falta de precipitação não afetou a produção de maçã, uma vez que mais de 4/5 da área é regada, tendo apenas obrigado a aumentar a frequência/dotação das regas. A apanha decorreu maioritariamente em agosto e setembro, prevendo-se um aumento de produção para as 300 mil toneladas (+25% face a 2016), com as maçãs a apresentarem bons calibres e coloração normal. Nota para o registo do desvio de alguma produção para a indústria, em particular nos pomares do interior Norte, afetados por quedas de granizo no princípio de julho e em finais de agosto.

A colheita da pera Rocha (variedade largamente predominante nos pomares de pereiras) iniciou-se na segunda semana de agosto e concluiu-se em setembro, tendo as elevadas temperaturas obrigado a um esforço para aumentar o ritmo da colheita, no sentido de garantir as condições de conservação. Prevê-se um aumento de produção de 20% face à campanha anterior, para valores próximos da média do quinquénio, ainda assim bastante abaixo dos alcançados em 2013 e 2014, quando a estenfiliose (doença responsável pela rejeição de muitos frutos), não estava tão disseminada. Os calibres ficaram um pouco aquém do previsto e os frutos apresentaram pouca carepa⁵.

Maior produção de kiwi de sempre

A colheita da principal variedade de kiwi (Hayward) iniciou-se em finais de outubro, tendo decorrido até final de setembro a das espécies/variedades mais precoces (Arguta e Soreli). A carga de frutos por árvore é muito elevada o que, conjugado com o excesso de calor e com as baixas disponibilidades hídricas, afetou o normal desenvolvimento do fruto, originando calibres inferiores ao habitual. Ainda assim, em resultado quer do aumento de produtividade face ao ano anterior, quer, sobretudo, da entrada em plena produção de plantações recentes, prevê-se que esta seja a campanha mais produtiva das últimas três décadas, ultrapassando, pela primeira vez, as 30 mil toneladas.

Amendoais muito produtivos

Os amendoais apresentaram uma carga muito expressiva de frutos que, na sua maioria, completaram o ciclo (amadureceram) em condições de comercialização aceitáveis, embora uma parte da produção apresente o grão (miolo) com algum engelhamento e menor calibre. As previsões continuam a apontar para uma produção superior a 20 mil toneladas (+255% face a 2016), situação inédita neste século.

⁵ Manchas ou pontuações castanhas da epiderme das pomóideas.

Menos castanha e de qualidade inferior

Sendo uma cultura quase exclusivamente de sequeiro, e em resultado da escassa humidade dos últimos meses, os castanheiros instalados em solos com menor capacidade de retenção de água apresentam sinais de grande *stress* hídrico, com situações extremas de morte de árvores. A castanha mais temporã, que já foi colhida, apresentou calibres reduzidos e miolo desidratado, com fraco poder de conservação e por vezes bichado. Apesar de ainda existirem muitos ouriços que não abriram, estima-se que o número de frutos que completem o desenvolvimento normal seja inferior ao habitual, pelo que se prevê uma redução de 15% da produção face à campanha anterior.

Em perspetiva, um bom ano vinícola

As vindimas já terminaram em todas as regiões vitivinícolas, tendo decorrido com tempo seco, condição fundamental para a obtenção de vinhos de qualidade. Nas vinhas de sequeiro, a falta de humidade do solo e as elevadas temperaturas condicionaram o desenvolvimento das uvas, originando algum engelhamento nos bagos. No entanto, o elevado número de cachos e de bagos por cacho (fruto de uma floração/alimpa que decorreu sem problemas), aliado a uma baixa pressão das principais doenças criptogâmicas (míldio e oídio), contribuiu para o aumento de 10% na produção de vinho, face à vindima de 2016. A uva vinificada apresentava, genericamente, boa qualidade, pelo que se esperam vinhos de qualidade superior.

Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de outubro de 2017.

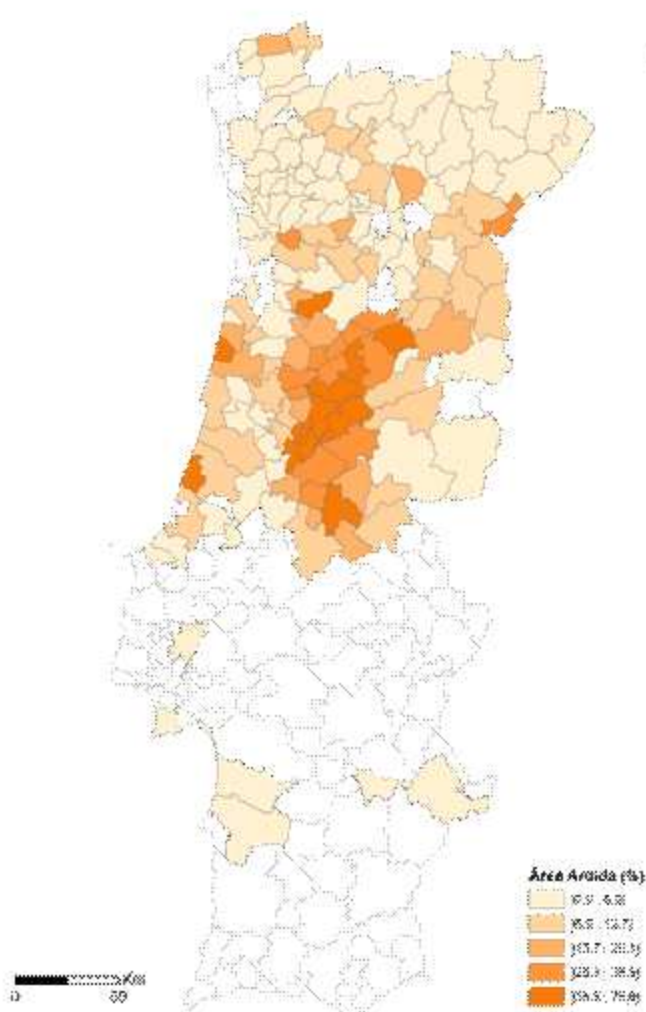
A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE.

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas (http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes)

ANEXO

Área ardida por ocupação cultural

Percentagem de área ardida por município



Na sequência da particular gravidade dos incêndios rurais ocorridos em 2017, o INE apresenta uma estimativa da área afetada por ocupação cultural, baseada no cruzamento da cartografia de áreas ardidas produzida pelo Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) em 18 de outubro com o Sistema de Identificação de Parcelas⁶ (SIP) do Instituto de Financiamento de Agricultura e Florestas (IFAP) (classificação das ocupações do solo).

A área afetada atingiu um vasto número de parcelas, correspondente a cerca de meio milhão de hectares (507,4 mil hectares). A análise da ocupação cultural das parcelas ardidas aponta para uma área de 8,8 mil hectares de olival, 2,8 mil hectares de vinha e 2,4 mil hectares de culturas frutícolas. De acordo com o ICNF, 47% da área ardida estava ocupada por povoamentos florestais⁷.

Contexto meteorológico de 2017 - Severidade para o Combate aos Incêndios Florestais

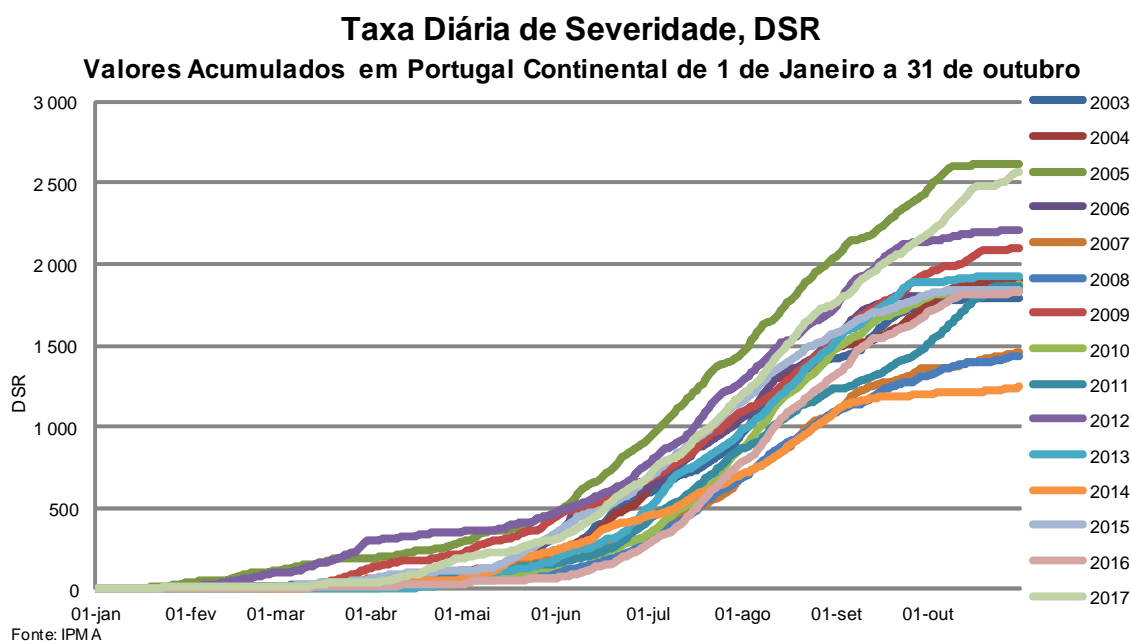
O INE apresenta ainda uma breve análise sobre a severidade das condições meteorológicas e do estado dos combustíveis. A informação de contexto tem por base a análise do IPMA sobre o indicador "taxa de severidade diária (DSR)".

⁶ O Sistema de Identificação de Parcelas (SIP), também designado por Parcelário Agrícola, atribui um único número a cada elemento da exploração agrícola (parcela, prédio, grupo de parcelas e/ou prédios), de modo a permitir a referência geográfica das explorações agrícolas de modo unificado e coerente.

⁷ Dados recolhidos no âmbito do 6.º Inventário Florestal Nacional, designadamente a rede de fotopontos com a classificação do uso/ocupação do solo de 2010

Severidade anual acumulada: 2017, o 2º ano mais severo dos últimos 15

A taxa de severidade diária (DSR) acumulada ao longo de uma época traduz a severidade das condições meteorológicas e do estado dos combustíveis relativamente ao combate a incêndios florestais nessa época. A figura abaixo mostra, para uma série de 15 anos (2003-2017), a severidade acumulada desde 1 de janeiro a 31 de outubro, evidenciando o ano de 2005 como o mais gravoso desta série de anos e o ano de 2017 como o segundo mais gravoso.



Embora esta avaliação desde o início do ano dê uma boa indicação sobre a severidade das condições meteorológicas e do estado dos combustíveis para o combate aos incêndios florestais, os valores acumulados do DSR em períodos mais curtos, por exemplo mensais, é um indicador da intensificação desta severidade. Os anos com a maior variação mensal, para esta série de anos, foram 2005 para o mês de janeiro, 2012 para fevereiro e março, 2017 para abril, 2006 para maio, 2005 para junho, julho e agosto e 2017 para setembro e outubro, facto que explica o aumento da adversidade para o combate aos incêndios nestes últimos dois meses.